

Educação musical na Fundação CASA da cidade de São Paulo: Reflexões a partir de cinco entrevistas com os educadores musicais

Caio Abreu Chiarini¹

Instituto de Artes da UNESP/ PPG em música/ Mestrado
SIMPOM: *Educação musical*
caiochiarini@gmail.com

Resumo: Este artigo é fruto da pesquisa de mestrado que venho desenvolvendo desde 2015, cujo objeto é o ensino de música dentro da Fundação CASA, realizado por educadores da Associação de Amigos do Projeto Guri. Apresentarei neste artigo o andamento da pesquisa bem como as primeiras reflexões sobre a coleta de dados a partir das cinco primeiras entrevistas. O objetivo desse trabalho é buscar nas entrevistas realizadas com os educadores musicais (feitas no segundo semestre de 2015), quais foram os sentidos atribuídos à primeira experiência de trabalho com adolescentes privados de liberdade no contexto da Fundação CASA, no que diz respeito principalmente às expectativas prévias e a realidade encontrada. O presente trabalho se justifica por trazer à tona experiências de educadores musicais sobre um contexto ainda pouco conhecido. Os resultados obtidos indicam peculiaridades no ensino musical realizado dentro desse contexto, ligados ao imaginário ou até mesmo à realidade de violência presente nesse ambiente. Por outro lado, apesar das questões problemáticas apresentadas pelos educadores, observamos que, na experiência construída por eles na Fundação CASA pode ter favorecido a criação de vínculos afetivos, o que justificaria a permanência desse educador em uma instituição de privação de liberdade.

Palavras-chave: Fundação CASA; Educadores Musicais; Relatos.

Musical Education at the Fundação CASA of São Paulo City: Reflections from Five Interviews with Musical Educators

Abstract: This article is the result of the master's research I have been developing since 2015 whose object is the teaching of music in the Fundação CASA, developed by educators of the Associação de Amigos do Projeto Guri. In this article I will present the progress of the search and the first reflections on the data collection already held. The aim of this study is to look at interviews with music educators in the second half of 2015 which were the meanings attributed to the first experience working with adolescents deprived of liberty in the context of the Fundação CASA, with regard primarily to prior expectations and reality found. This work is justified by bring out the experiences of music educators on a little known context. The results indicate peculiarities performed in musical education in this context, linked to the imaginary or even the reality of violence present in that environment. On the other hand, despite the problematic issues presented by the educators, we observed that the experience built for them

¹ Orientador: Dr. Margarete Arroyo.

at the Fundação CASA next to the teenager, favored the creation of affective linkages, which may explain the permanence of this educator in a institution of deprivation of liberty.

Keywords: Fundação CASA; Music Educators; Reports.

1. Introdução

Este artigo tratará do andamento da pesquisa de mestrado que realizei junto ao Instituto de Artes da UNESP, sob a orientação de Margarete Arroyo. O objetivo aqui, portanto será relatar e apresentar os primeiros dados da pesquisa, suas etapas e uma reflexão, buscando nos dados colhidos por meio das cinco primeiras entrevistas (realizadas no segundo semestre de 2015), quais foram os sentidos atribuídos à primeira experiência de trabalho com adolescentes privados de liberdade no contexto da Fundação CASA², no que diz respeito principalmente às expectativas prévias e a realidade encontrada.

O objeto de estudo do meu mestrado é o trabalho de educação musical realizado na Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (doravante Fundação CASA) por educadores da Associação de Amigos do Projeto Guri (AAPG). As oficinas de música oferecidas pelo Projeto Guri se inserem em um conjunto de atividades que se definem por medida socioeducativa³.

O que fez despertar o meu interesse por este tema foi começar a trabalhar na Fundação CASA Itaquera em 2013, e posteriormente na Fundação CASA Rio Tâmis a qual estou até hoje. A partir de uma observação real e prática do ambiente e do trabalho que eu realizava, dei início a uma indagação: o que é ensinar música na Fundação CASA? Percebi que essa era uma pergunta bastante ampla, mas que ao mesmo tempo sustentava a minha vontade em querer saber mais sobre esse trabalho, sobre o olhar dos educadores musicais,

² A **Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (CASA)**, instituição vinculada à Secretaria de Estado da Justiça e da Defesa da Cidadania, tem a missão primordial de aplicar medidas socioeducativas de acordo com as diretrizes e normas previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e no Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE). A **Fundação CASA** presta assistência a jovens de 12 a 21 anos incompletos em todo o Estado de São Paulo. Eles estão inseridos nas medidas socioeducativas de privação de liberdade (internação) e semiliberdade. As medidas — determinadas pelo Poder Judiciário — são aplicadas de acordo com o ato infracional e a idade dos adolescentes. (disponível em: <http://www.fundacaocasa.sp.gov.br/View.aspx?title=a-fundacao-historia&d=83> acesso em 13 de janeiro de 2016).

³ É uma medida jurídica que, na legislação brasileira, se atribui aos adolescentes autores de ato infracional. A medida socioeducativa é aplicada pela autoridade judiciária como sanção e oportunidade de ressocialização. Possui uma dimensão coercitiva, pois o adolescente é obrigado a cumpri-la como sanção da sociedade, e outra educativa, pois seu objetivo não se reduz a punir o adolescente, mas a prepará-lo para o convívio social. O estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) prevê seis diferentes medidas: advertência; obrigação de reparar o dano; prestação de serviços à comunidade; liberdade assistida; semiliberdade e internação (FULGENCIO, 2007, p. 411).

sobre o contexto institucional de privação de liberdade e sobre os adolescentes internos. Para que eu diminuísse a amplitude da pergunta formulada, ela foi dividida em outras três:

1. Que demandas os jovens internos trazem para o trabalho do educador?
2. Quais seriam as demandas do trabalho do educador musical dentro desse contexto?
3. Como as especificidades de um contexto (Fundação CASA) podem modificar o modo de ação, de planejar e de pensar de um educador?

A Fundação CASA é uma instituição de privação de liberdade que interna adolescentes, de ambos os sexos, que cometeram infrações penais. O Estatuto da Criança e do Adolescente (2012), conhecido pela sigla ECA, considera a situação de internação como “medida privativa de liberdade, sujeita aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento.” (artigo 121 do ECA, 2012, p. 62). O mesmo estatuto considera também que o adolescente é toda pessoa entre doze e dezoito anos de idade.

O sistema o qual esses adolescentes cumprem com as medidas socioeducativas é de internação, onde os internos perdem o direito de ir e vir e recebem visitas familiares controladas. Vale ressaltar que “para os adolescentes que cumprem medida socioeducativa de internação são adotadas as Propostas Curriculares dos Cursos de Ensino Fundamental e Médio regulares da Rede de Ensino Estadual com adequações demandadas pelas especificidades da medida” (FORTUNATO, 2011, p. 4). Os adolescentes também participam de oficinas variadas que contemplam “Artes visuais e cênicas, Conto, Jogos da vida, Correspondência, Educação Ambiental: problemas globais ações locais, Hora de se mexer, Jornal, Música e Movimento, Poesia, Ponto de encontro e Letramento e Alfabetização” (FORTUNATO, 2011, p. 4).

O fato de ser uma instituição de privação de liberdade inviabiliza que pessoas externas à Fundação CASA realizem pesquisas, pois existem várias questões relacionadas à segurança e à integridade dos adolescentes que dificultam e muitas vezes até impedem que estudos sejam realizados neste contexto. A minha experiência como educador da Fundação CASA, desde 2013, passando pelas unidades Itaquera e Rio Tâmis (onde atuo como educador no momento), possibilitou que me familiarizasse e entendesse mais sobre as peculiaridades do ensino de música nos centros de internação. Ao longo desse processo de quase 3 anos, minha percepção a respeito desse trabalho foi se modificando e desconstruindo imaginários sobre esse ambiente, uma vez que, conforme afirma Arroyo (1999), as “representações sociais estão fortemente arraigadas nas nossas maneiras de perceber a

realidade. Vivenciar o estranho para estranhar o familiar significa perceber outras representações, outras visões da realidade” (ARROYO, 1999, p. 326).

Para um trabalho de caráter qualitativo, a experiência e a busca pela experiência enriquece a pesquisa e as análises consequentes, onde o pesquisador faz parte do processo. Flick explica como se dá a atuação do pesquisador nesse tipo de pesquisa:

A subjetividade do pesquisador, bem como daqueles que estão sendo estudados, tornam-se parte do processo de pesquisa. As reflexões dos pesquisadores sobre suas próprias atitudes e observações em campo, suas impressões, irritações, sentimentos, etc., tornam-se dados em si mesmos, constituindo parte da interpretação e são, portanto, documentadas em diários de pesquisa ou em protocolos de contexto. (FLICK, 2009, p. 25.)

2. Etapas da pesquisa

A pesquisa de mestrado em questão é de caráter qualitativo e percorreu as seguintes etapas até o presente momento: 1 – questionário para seleção do educador 2 – entrevistas em profundidade com educadores musicais que trabalham na Fundação CASA.

O questionário para seleção dos educadores foi realizado pela internet (e-mail e facebook) e pelo telefone. Depois de ter os questionários respondidos selecionei nove educadores a partir de três critérios de escolha: disponibilidade, vontade de participar da pesquisa e tempo mínimo de um ano de atuação na Fundação CASA. Dentre os entrevistados, dois deles atualmente trabalham como supervisores, orientando o trabalho dos educadores na Fundação CASA. Os dois supervisores foram selecionados uma vez que também já atuaram como educadores nesse contexto, pois, para essa pesquisa, é de fundamental importância que todos tenham trabalhado efetivamente junto aos adolescentes internos. Foram escolhidos também dois educadores que atualmente não trabalham na Fundação, mas que já tiveram experiência de vários anos nesse tipo de contexto.

Nomeei os educadores selecionados, na ordem como ocorreram as entrevistas, da seguinte maneira: educador A, educador B, educador C, educador D, educador E, educador F, educador G e educador H e educador I.

As entrevistas aconteceram logo após o projeto de pesquisa passar pela aprovação do conselho de ética da UNESP de Bauru, através da Plataforma Brasil. Todo projeto de pesquisa que tem a intenção de lidar com pessoas precisa necessariamente passar por um conselho de ética que irá analisar o projeto e pontuar o que infringe a ética na pesquisa com

seres humanos. Cada entrevistado assinou um termo de livre consentimento para participar da pesquisa em questão.

Por se tratar de uma entrevista semiestruturada, foi elaborado um roteiro assegurando que fossem abordados todos os assuntos e temas a serem discutidos e analisados na minha pesquisa de mestrado. As entrevistas tiveram um teor de conversa onde o entrevistador e os entrevistados dialogavam sobre questões referentes ao trabalho de educação musical realizado dentro da Fundação CASA. Triviños (1995) discorre sobre a entrevista semiestruturada:

Podemos entender por entrevista semi-estruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. (TRIVIÑOS, 1995, p. 146.)

A conversa com os educadores foi realizada no local escolhido pelo entrevistado e registrada por um gravador digital (marca *M Audio*, modelo *Microtrack II*). As entrevistas foram transcritas por mim utilizando os serviços do site *Otranscribe* que possibilita fazer o *upload* da gravação e ter alguns comandos sobre ela no teclado do computador como ralentar, acelerar, voltar e ir adiante. O texto da entrevista foi copiado do site e passado para um arquivo de *word*. Todas as nove entrevistas já foram transcritas e organizadas em um único arquivo de *word*.

Para este artigo selecionei as cinco primeiras entrevistas, mapeando os assuntos com os quais lidarei e refletirei neste artigo.

3. Primeiras reflexões acerca das entrevistas

O fato de eu ter entrevistado os educadores e transcrito as entrevistas fez com que eu pudesse conhecer os dados com mais profundidade. Citarei neste momento alguns relatos que representam as primeiras impressões, por parte dos educadores, ao lecionar em uma instituição de privação de liberdade, enfatizando suas expectativas e a realidade encontrada.

Perguntei ao educador A que tipo de informação ele tinha sobre a Fundação CASA, a qual ele respondeu da seguinte maneira:

Quando eu entrei na Fundação CASA... foi como se entrasse com os olhos vedados vamos dizer assim né... não tive nenhuma informação, não tive nenhuma orientação... eu acho que aprendi sozinho, fui eu me adaptando às situações e tudo mais (Educador A, 2015.)

O educador B apresenta em seu relato certa falta de conhecimento sobre a Fundação e um conceito embasado nas informações transmitidas pelos meios de comunicação, perceptível, por exemplo, quando ele diz “eu nem sabia que a FEBEM tinha mudado para Fundação CASA. O único conhecimento que eu tinha era da FEBEM, daquilo que passa na televisão, de rebeliões e etc.”. (Educador B, 2015)

O educador C fala do medo de possíveis reações violentas por parte dos adolescentes:

O primeiro dia, ninguém nunca te viu tal. Cê não sabe, cê não sabe o que que poderia ter acontecido... "Bom esse aqui a gente nem conhece, sei lá, a gente quer fugir, a gente quer fazer uma rebelião, então... Então, vamos usar, vamos usar ele como escudo, sei lá." Então assim... eu não sei o que se passava naquele momento, naquele centro. Acho que essa era a grande questão. (Educador C, 2015.)

Por um outro lado, existe também uma expectativa sobre o que se pretender fazer em um trabalho de educação musical, assunto trazido pelo educador E:

(...) senti ... uma coisa de pô meu, vou conseguir mudar ... tudo aqui fazê ... sei lá... de repente fazer essas meninas ... é ... apresentar outros interesses... ir fazer outras coisas ... ah ... então eu senti mais isso... assim... essa questão de ... pô vo/vo vo cê ... vou colaborar né ... vou colaborar pra mudança de alguma coisa ... é meio meio meio uma vida meio romântica mesmo né (...) (Educador E, 2015.)

Percebe-se a partir desses primeiros relatos uma expectativa, por parte dos educadores, fortemente construída com base em experiências anteriores que formam um imaginário sobre esse tipo de instituição. Entendendo que existe todo esse imaginário estruturado antes da experiência real do contexto, criam-se, portanto, preconceitos e por vezes falsos conceitos sobre algo que ainda não foi vivenciado ou experienciado. Jorge Larrosa, em sua reflexão sobre a experiência entende que ela (...) “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça” (LARROSA, 2004, p.154).

Entendendo que as pessoas de um meio necessitam se dispor à experiência, tal processo possibilitará que se criem imagens reais, posto que, pelo outro lado, a falta dessa experiência faz com que os educadores construam imaginários conduzidos muitas vezes por fontes midiáticas sensacionalistas, transmitidas em sua maior parte pelos canais televisivos brasileiro. Tal situação se torna clara quando pergunto aos educadores se eles sentiram medo em sua primeira experiência ao entrar na Fundação:

Não vou sair... viva!!! (muitos risos) (...), eu fiz o teste do Guri no começo de julho e eu começava as aulas no começo de agosto... aí fiquei uns quinze, vinte dias aí esperando né... e eu lembro que começava a aula numa segunda e o Guri me ligou na sexta pra me dar endereço e todas as coisas, então já tava agoniada porque eu queria começar a trabalhar e aí na quinta feira eu resolvi procurar no google o endereço... e aí eu coloquei lá Fundação CASA Itaquera (risos) e apareceu todas as rebeliões... as pessoas degoladas (risos) aí o meu marido falou: você não vai dar aula lá, então assim, eu na verdade fui achando que eu tava indo pra um sítio, sei lá aonde (risos)... três anos querendo voltar a trabalhar e só trocando fralda e me aceitaram... vou... mas eu não tinha dimensão do problema e realmente a CASA Itaquera é uma CASA pesada, né assim diferente da do Brás, é totalmente diferente... Quando eu passei por aquelas gaiolas, o coração tremeu... eram três gaiolas né que tinha que passar (simula o som da gaiola) ... nossa, eu falei... meu, será que eu consigo sair (risos)... E eu acho que no primeiro mês toda vez que eu entrava lá eu tinha essa sensação de entrar, de entrar e não ter certeza se eu ia sair... (risos) (Educador B, 2015.)

A primeira impressão e eu tive medo, né... acho que todos nós... eu, você Caio, você também teve um pouquinho de receio no começo, né a gente... porque você vai lidar com pessoas que você não conhece, e pessoas que de repente já sofre uma opressão não é? E você lidar com a opressão junto com a parte artística, com a parte de arte... é uma coisa complicado, uma coisa não tem a ver com a outra... então eu tive que me adaptar a esse conjunto de coisas que acontece na dentro da Fundação... (Educador A, 2015.)

Ah ... tinha mó medo né (...) Ah ... pra caramba né .. esse negócio de falar Fundação CASA a gente já imagina um negócio meio só/poutz meu q/qu/que vai ter lá que que eu vou esperar de lá né ... ma o interessante quando eu entrei num ... eu não senti esse medo não é d/ porque era as meninas né então queira ou não queira você tem uma outra relação né (...) (Educador E, 2015.)

Gostaria de chamar atenção nesse momento para que minha reflexão não fosse entendida como uma forma de defesa desse ambiente, tão pouco buscar argumentos para comprovar que a Fundação CASA é uma instituição tranquila e que o imaginário dos educadores não tem fundamento algum. Acredito que mesmo que tais imaginários se confirmem, é necessário que a experiência aconteça e é a partir dela que se inicia um trabalho de música embasado e fundamentado na realidade. A experiência não necessariamente surge de uma realidade amena, tanto que nos meus primeiros meses de trabalho participei de uma situação marcante que foi ficar como refém durante uma rebelião (situação esta que dentro da Fundação é definida por “virar a casa”). Para mim, esse momento foi muito forte e me fez refletir sobre continuar ou não dando aula neste contexto. O educador D, que naquele momento estava comigo e trabalhava ali há pouco mais de uma semana, teve sua expectativa elaborada previamente confirmada. Este fato também foi mencionado por boa parte dos educadores, conforme relatos apresentados acima. A seguir, transcrevo parte do que o Educador D relata sobre as experiências vividas nos primeiros dias de trabalho:

Então quando eu entrei você já tava a um tempo ... já tinha trabalhado co/com outro professor ... de percussão ... ai depois você trabalhou um tempo sozinho ... só você lá neh e a coordenadora ... e você ... tinha vivido alguns contextos ali já ... eu cheguei o negócio tava pegando fogo ... tanto é que eu entrei fi/fiquei uma semana lá e o negócio virou na outra ... sei lá ...foi uma coisa assim bizarra ... tipo dei duas aulas e sei lá na segunda aula o bagulho virou e quando eu cheguei lá ... com o Julio tava muito difícil ...já tava muito difícil ... e ai ... a minha impressão foi o seguinte, “meu deus do céu, o que que eu vim fazer aqui? Cara, eu não vou conseguir dar aula pra esses caras mas nem que a vaca tussa... porque... tava assim pré virada neh ... tava virando já ali (...) mas a minha impressão, a primeira mesmo foi de ... foi de pânico ... de medo... de medo porque ... foi foi pânico ... porque pô ... monte de grade neh cê vai entrando uma porrada de grade vai fechando cela e tal ... pô meu ... tá difícil pra entrar, pra sair então vai ser complicado neh ... e aquela molecada tava doida lá dentro ... foi difícil assim a primeira impressão minha foi ... eu achei que eu ia me arrepender assim ... mas ... depois a casa ... acabou que aconteceu dela virar (...) teve uma fuga gigantesca de mais da metade dos meninos ... que a gente tava lá inclusive (Educador D, 2015.)

Mesmo depois de ter passado por uma situação difícil e arriscada, o educador D continuou dando aulas de música na Fundação CASA. A experiência, seja ela agressiva como relata o educador, ou apenas cotidiana de uma instituição de privação de liberdade, é algo que “acontece” e que modifica o modo de pensar e de agir do educador. Segundo Grossberg, os sentidos atribuídos à experiência estão ligados ao afeto. Em sua concepção sobre o assunto o

(...) afeto relaciona-se estreitamente ao que muitas vezes descrevemos como ‘sentimento’ da vida, um domínio de influências culturais construído socialmente. Uma experiência muda drasticamente quando o envolvimento ou o estado afetivo muda [...], os contextos afetivos determinam os diversos significados e prazeres. O afeto atua por meio de nossos sentidos e experiências, de todos os domínios de influências que constituem a vida cotidiana. (Grossberg apud SHUKER, 1999, p. 16.)

Grossberg acredita que as relações que estabelecemos com o nosso meio de convívio fazem com que nos deixemos afetar, possibilitando, portanto, mudar repetidas vezes nosso posicionamento perante o contexto. Uma vez que as experiências anteriores afetam a forma como o educador imagina a Fundação CASA, sua atuação neste ambiente faz com que adquira novas concepções sobre este contexto e sobre as pessoas que ali estão.

Gostaria de encerrar essa minha reflexão trazendo das entrevistas alguns relatos posteriores à primeira experiência, que mencionam, além do medo, outros sentidos atribuídos pelos educadores sobre o trabalho de educação musical dentro da Fundação CASA.

Eu acho que eu não tenho receio nenhum... talvez éhhh, uma rebelião, alguma coisa assim, mas eu acho que... éhhh... eles não são capazes, ou talvez não tenham porque... agredir a gente, entrar em luta corporal ou algo desse tipo, eu acho... não

tenho medo nenhum... eu trabalho ali dentro, é uma uma questão até natural... pra mim é fácil. (Educador A, 2015).

e depois daquilo ... eu vi o outro lado... o lado ... que teve uma intervenção ali ... então a coisa ... teve que se reorganizar ... ehhh ... neh ... e e de certa forma ... aconteceu ali e consegui ter turmas LEGAIS ... consegui dar aula de música lá ... porque o contexto era outro ... não igual o do que eu entrei ... que era tipo ... tava virando (Educador D, 2015).

Duas ... a tentativa de resgate a caminho do encontrão (risos) (...) (fala rindo) olha foi dois mil e ... dez eu acho (risos) ou nove ... NOVE ... que a gente ... ehhhh ... sofreu uma tentativa de re/tava bonito a música tava LINDA (risos) era até uma suíte nordestina que eu tinha preparaDo ... os meni/os meninos tavam tocando de montão coisa mais linda ... e ai ... pegamo o ... o ônibus e eu me lembro que tinha um nome ... era um ônibus que ia todo mundo assim ... aquela época FAzendão sei lá o que (fala rindo) (risos) e ai quando a gente passou pel/por uma favelinha ali pertinho da Celso Garcia parou tudo ... e ai vieram os menino ... do lado de fora com .. dois revolveres assim tentando entrar dentro do ônibus ... mas todo mundo fechou a porta ... fecharam as janelas fecharam tudo ninguém entrou ... fecharam tudo ficaram os meninos ai depois vieram dizer pra mim ... nós não tomamo o ônibus só por causa do senhô sabia? ... ai eu respondi não beleza então ... agora vocês vão te que toca (risos) agora tem que toca isso daqui agora ó tu ai ó TOCA esse neGÓcio DIREito (risos) tendeu (C: e não teve fuga nenhuma?) nenhuma nada ... fecharam as janelinha tudo ninguém atirou pra nada ficou tudo ... beleza (Educador E, 2015.)

Considerações finais

Este artigo apresentou o projeto de mestrado que venho desenvolvendo junto ao Instituto de Artes da Unesp sob a orientação da doutora Margarete Arroyo. Procurei detalhar o objeto de estudo e as etapas que a pesquisa percorreu até o breve momento. Finalizei com as primeiras reflexões acerca das entrevistas com os educadores musicais do Projeto Guri, realizadas no segundo semestre de 2015. Apresentei, nessas reflexões, as expectativas, medos e imaginários dos educadores antes de sua primeira atuação no exercício de lecionar na Fundação CASA, bem como alguns relatos de momentos vividos e experienciados por eles neste contexto. Os resultados obtidos indicam peculiaridades no ensino musical realizado dentro desse contexto, ligados ao imaginário ou até mesmo à realidade de violência presente nesse ambiente. Por outro lado, apesar das questões problemáticas apresentadas pelos educadores, observamos que, na experiência construída por eles na Fundação CASA, junto aos adolescentes, possivelmente favoreceu a criação de vínculos afetivos, o que pode justificar a permanência desse educador em uma instituição de privação de liberdade.

Referências

ARROYO, Margarete. *Representações sociais sobre a prática do ensino e aprendizagem musical: um estudo etnográfico entre congadeiros, professores e estudantes de música*. Porto Alegre, 1999. 360p. Tese de doutorado em música, Instituto de Artes Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

DIAS GARCIA, Luciyellen Roberta. *A medida sócio-educativa de internação e suas nuances frente ao sistema protecionista preconizado pelo estatuto da criança e do adolescente e a realidade social*. In: *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, XII, n. 68, set 2009. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=6764>. Acesso em: 01 de janeiro de 2016

Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: <[https://www.tjsc.jus.br/infjuv/documentos/ECA_CEIJ/Estatuto da Criança e do Adolescente editado pela CEIJ-SC versão digital.pdf](https://www.tjsc.jus.br/infjuv/documentos/ECA_CEIJ/Estatuto%20da%20Crian%C7a%20e%20do%20Adolescente%20editado%20pela%20CEIJ-SC%20vers%C3%A3o%20digital.pdf)>. Acesso em: 01 de janeiro de 2016.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3ª ed. São Paulo: ARTMED editora, 2009.

FORTUNATO, Marisa. *Medidas Socioeducativas e Educação: uma relação difícil, mas possível*. Disponível em: <http://www.casa.sp.gov.br/files/Artigo_Marisa_Fortunato.pdf>. Acesso em: 19 de Setembro de 2014.

História da Fundação Casa SP. disponível em: <<http://www.fundacaocasa.sp.gov.br/View.aspx?title=a-fundacao-historia&d=83>>. Acesso em 20 de maio de 2014.

LARROSA, Jorge. *Linguagem e educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004

SHUKER, Roy. *Vocabulário da música pop*. 1. ed. São Paulo: Hedra, 1999.

TRIVIÑOS, Augusto. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. 1ª ed. São Paulo: Editora ATLAS, 1987.